

MAPEAMENTO DE SUICÍDIOS CAUSADOS POR LESÕES AUTOPROVOCADAS VOLUNTARIAMENTE NO BRASIL A PARTIR DE ESCOLARIDADE DE 1996 A 2015

Maria Clara Leadebal Celestino¹

Tainá Moreira da Silva²

Gustavo Mota de Sousa³

1 – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Departamento de Geografia
(m.clara1@hotmail.com)

2 - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Departamento de Geografia
(tainaa1505@gmail.com)

3 – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Departamento de Geografia
(gustavoms@ufrj.br)

ABSTRACT

In the present paper will be presented the question of suicides caused by voluntary self-harm in Brazil in the period from 1996 to 2015 from the educational level through the visual understanding of the mapping. From this, possible reasons for the obtained results are delimited from the geographical distribution of the quantitative data obtained through the data acquired by DATASUS vital statistics. After generating the maps by collecting data, a comparative analysis was made through the results found. The purpose of this work is to try to understand levels of schooling as possible influencing agents in individual actions with regard to their mental health. The results generated reach the general objective of the work by the presence of a connection between level of schooling and mental health, even though there is also the observation of the impact of economic issues on individuals' mental health.

Keywords: Suicide, Educational Level, Voluntary Self-Harm.

INTRODUÇÃO

Suicídio é definido como uma morte causada por ato cujo paciente é o próprio autor. Segundo Durkheim (1897), chama-se suicídio toda ação que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima.

Pode ocorrer de forma violenta e ativa assim como da própria abstenção passiva, sendo neste trabalho enfocada as causas ativas em forma de lesões autoprovocadas voluntariamente.

As intenções de tal ato são algo que se desenvolvem internamente ao indivíduo, embora tenham causas predominantemente externas. Entre todos esses atos, há características comuns essenciais e algumas diferenças consideradas secundárias. O primeiro elemento comum é a vítima estar ciente da consequência do seu ato, o que a discerne, inclusive, dos suicídios animais.

É importante trazer à tona que muito mais que um ato individual, o suicídio tem uma natureza eminentemente social, o que pode ser constatado ao avaliarmos o conjunto de suicídios de uma sociedade em uma determinada unidade de tempo. A evolução do suicídio tende a mostrar-se então em movimento sucessivo e progressivo, muitas vezes de forma brusca, principalmente em épocas de crise. A taxa de suicídios tende a mostrar-se, portanto, uma ordem de fatos única o que permite sua permanência e variabilidade que seria inexplicável se não fosse conjunta.

Para haver tipos de suicídios diferenciados, é preciso que haja causas distintas que moram nas condições de existência de cada indivíduo, sendo estas últimas partilhadas socialmente. No presente trabalho, voltar-se-á para a causa social da escolaridade.

Dentre os principais motivos supostos para o suicídio estão miséria e revés financeiro, desgosto de família, amor, ciúmes, má conduta, desgostos diversos, doenças mentais, remorso, medo de condenação após crime, dores físicas, questões domésticas, excessos religiosos, perda de emprego, alcoolismo, contrariedades diversas, infelicidade, cólera, aversão à vida, além das razões desconhecidas. No entanto, pode-se afirmar que as razões dadas geralmente são aparentes que representam repercussões individuais de uma situação geral. Elas marcam as características do indivíduo tidas como fracas socialmente.

O objetivo deste trabalho é a realização de mapeamento do índice de suicídio por lesões autoprovocadas voluntariamente a partir da escolaridade. Com isso, busca-se compreender os níveis de escolaridade como influenciadoras das ações individuais no que se refere à sua saúde mental.

METODOLOGIA

A metodologia adotada (Figura 1) para esse estudo foi baseada em uma análise estatística para que o suicídio possa ser compreendido enquanto um fenômeno coletivo. Por meio do DATASUS – Tecnologia da Informação a Serviço do SUS (Sistema Unificado de Saúde), foi feita a busca de dados das Estatísticas Vitais entre o grupo de Mortalidade -1996 a 2015 pela CID-10. Averiguou-se os óbitos por causas externas com abrangência geográfica voltada para Brasil por Unidade de Federação, selecionando a escolaridade desejada para análise, os anos de 1996 a 2015 e o grande grupo do CID-10 “X60-X84 Lesões Autoprovocadas Voluntariamente”.

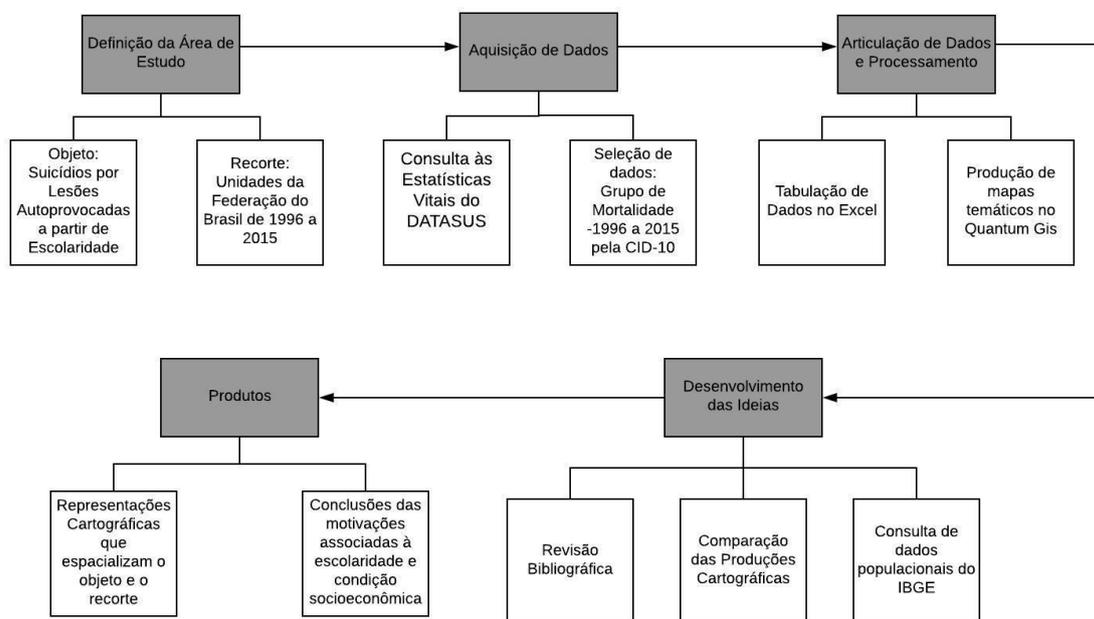


Figura 1- Fluxograma da metodologia adotada para a análise da taxa de suicídio no Brasil

A partir da aquisição dos dados desejados, foi feita a manipulação deles através do QGIS gerando os mapeamentos, para então desenvolver as linhas de raciocínio com base teórica.

RESULTADOS

Segundo a OMS, globalmente, o suicídio é a décima causa de morte mais frequente entre os países e a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. Esta fase corresponde principalmente a dos universitários levando em consideração os jovens que deram prosseguimento aos seus estudos após o ensino médio. Estes são caracterizados por um período conturbado de mudanças, com a transição para o mundo do trabalho e vida adulta, para não incluir as dificuldades voltadas para o mundo acadêmico.

Na pesquisa realizada por Abramovay e Esteves (2007), demonstrou-se que 18,6% dos jovens que consideram que uma das principais características da própria juventude é a sua falta de perspectiva advém de áreas urbanas e/ou metropolitanas. Também concordam com estas características 25,8% dos jovens que completaram o Ensino Médio e/ou adentraram o Ensino Superior e 21,3% dos jovens incluídos na classe A, B e C. Cria-se então um contraste com os jovens que só alcançaram o Ensino Fundamental, que vivem em áreas rurais e que estão abaixo da classe socioeconômica C.

No entanto, vê-se que no mapa da distribuição de suicídios de pessoas com nenhuma escolaridade (Figura 2), o Estado de maior destaque é a do Ceará, que possui 25% de sua população rural, o que é considerado um número alto se levado em consideração que o Brasil tem cerca de 15% de sua população no campo. Neste caso, acredita-se que a motivação do suicídio não foi reforçado diretamente pela escolaridade, mas pela questão socioeconômica. O estado apresentou em 2009 quase 60% da população abaixo da classe C.

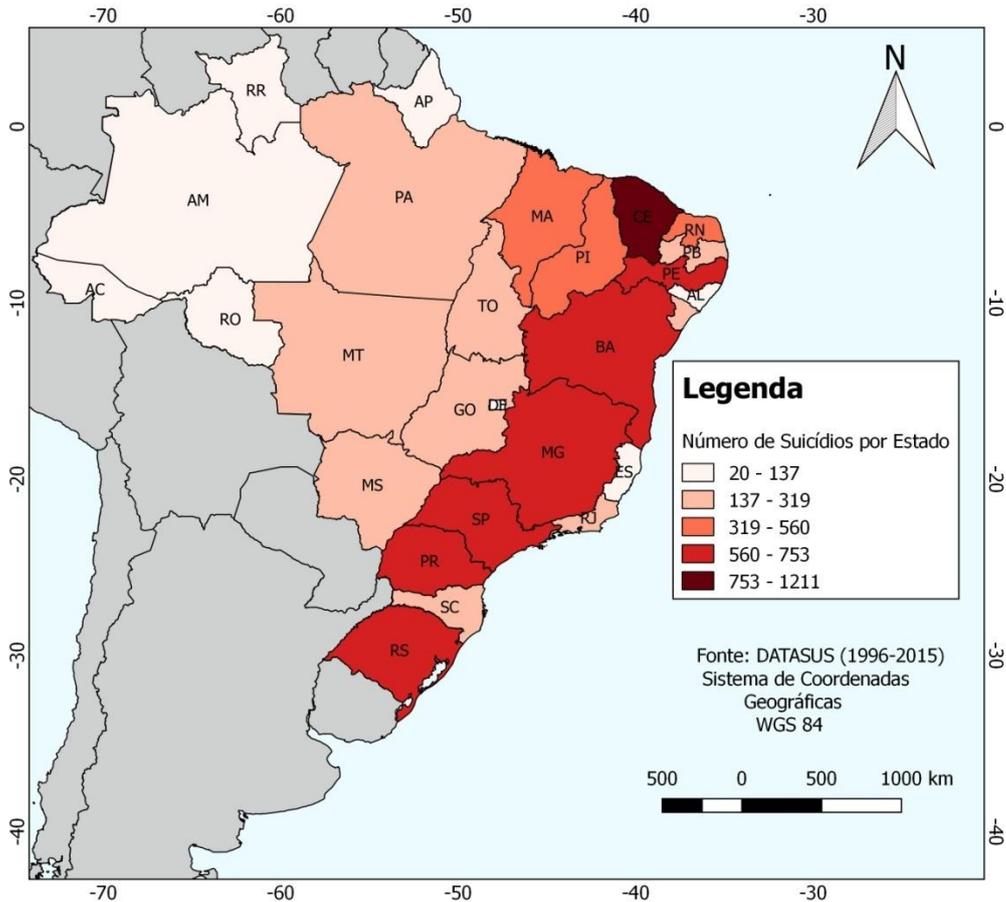


Figura 2 – Quantidade de Suicídios de Pessoas com Nenhuma Escolaridade de 1996 a 2015

O comportamento suicida se desenvolve conforme a pessoa é exposta a *stress* e problemas que se sente incapaz de resolver, havendo uma perda de perspectiva e o início de uma especulação que coloca o suicídio como única solução. Visto isso, é possível concluir que mesmo quando o indivíduo já ultrapassou a vida de universitário enquanto jovem adulto, a escolaridade ainda afeta a sua saúde mental. Isto se dá pois a forma como a racionalidade acadêmica lhe é imposta, faz-lhe crer que tudo pode ser resolvido com a racionalidade científica e quando isto não se aplica em sua vida pessoal, gera-se uma frustração tamanha que a hipótese suicida começa a ser levantada.

Em um âmbito espacial, isto pode se averiguar no Brasil no mapa da distribuição de suicídios de pessoas com 12 anos ou mais de escolaridade (Figura 3), o que corresponde aos indivíduos com alto nível de repetição ou aos que entraram no

meio acadêmico. Há um destaque na região Sudeste, aonde se encontra o maior polo tecnológico do Brasil com a concentração das mais conceituadas faculdades do mesmo. Pode-se, inclusive, traçar um paralelo entre as figuras 2 e 3, caindo a quantidade de suicídios do Ceará de alto para médio.

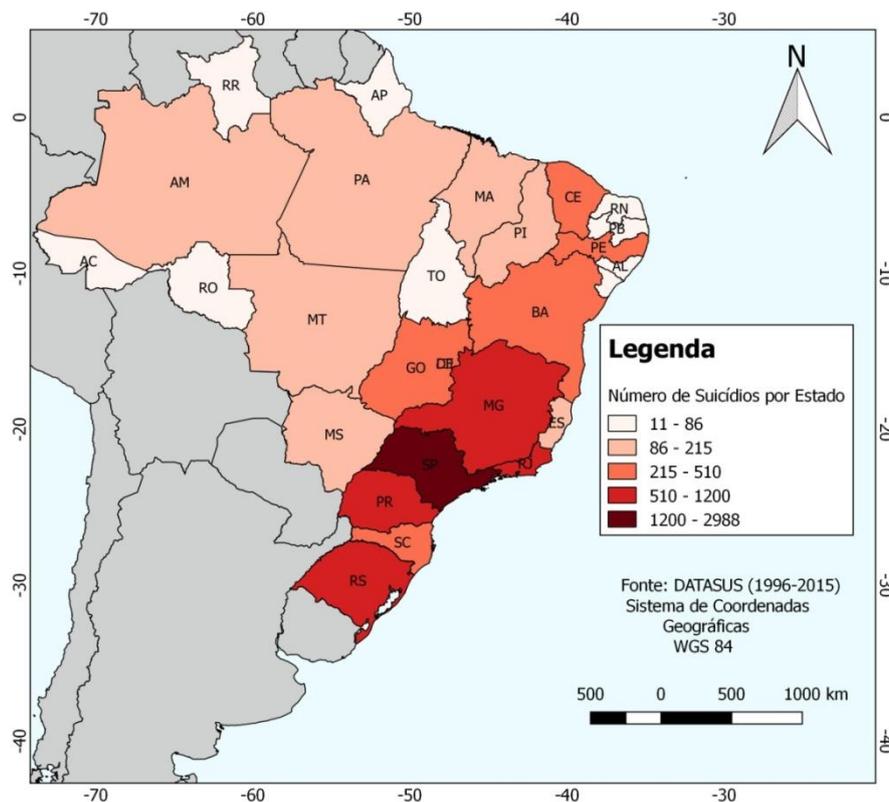


Figura 3 – Quantidade de Suicídios de Pessoas com 12 anos ou mais de Escolaridade de 1996 a 2015

Desta vez, correspondendo às expectativas, São Paulo é o estado que concentra 75% de sua população na região metropolitana, assim como também é o com maior número de suicídios. É impossível negar que também exista uma relação populacional, uma vez que São Paulo é o Estado mais populoso do país. No entanto, o próprio Ceará é a sétima maior população do Brasil e neste mapa está com uma proporção de suicídios média. Outro exemplo disto é o Pará, que é o nono no quesito populacional, e neste mapa se mostra abaixo da média proporcional.

Embora a totalidade apresentada na Figura 3 seja de 1409 pessoas, enquanto a da Figura 2 seja de 9743, é preciso levar em conta a proporção da população

incluída nesses grupos. Em 2010, por exemplo, cerca de 80 milhões de pessoas não possuíam nenhuma escolaridade ou tinham o ensino fundamental incompleto, para uma relação de 439 suicídios no mesmo grupo. Ou seja, há uma relação menor entre população total e suicídios, diminuindo a sua possível relação.

É interessante então trazer a tona um mapa de escolaridade voltado para Ensino Médio (Figura 4) e para Graduação (Figura 5) para que se tenha de forma mais clara essa distribuição e as comparações a serem traçadas.

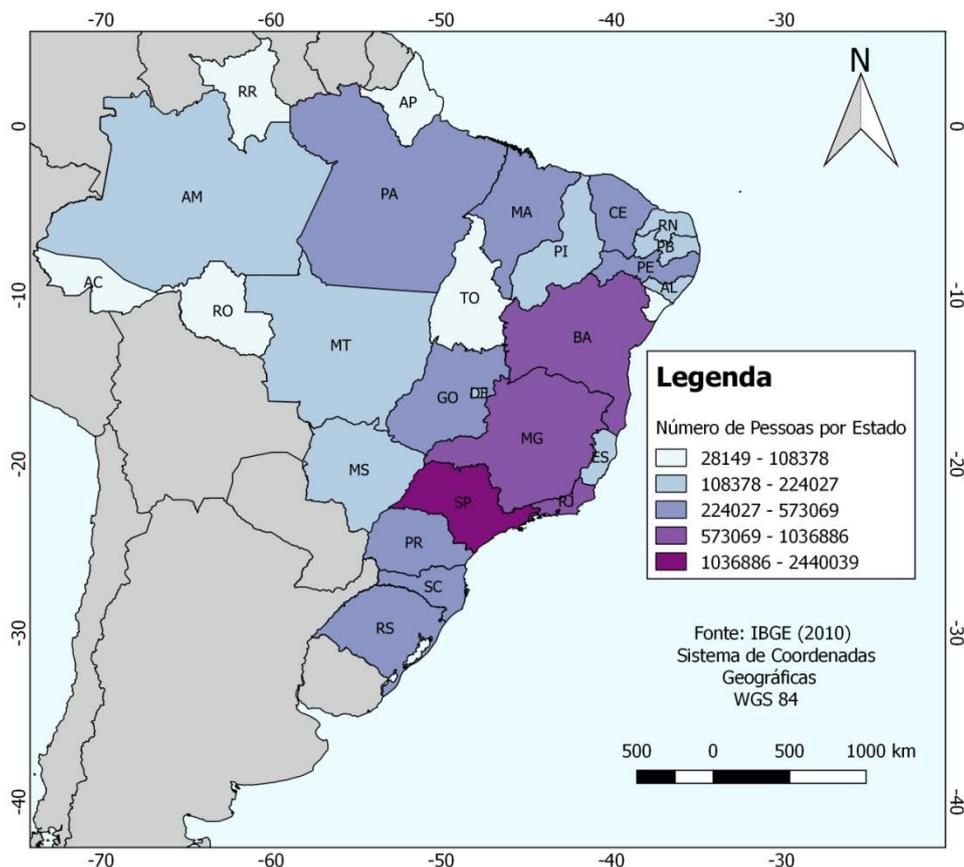


Figura 4 – Mapa de Escolaridade do Ensino Médio Regular 2010

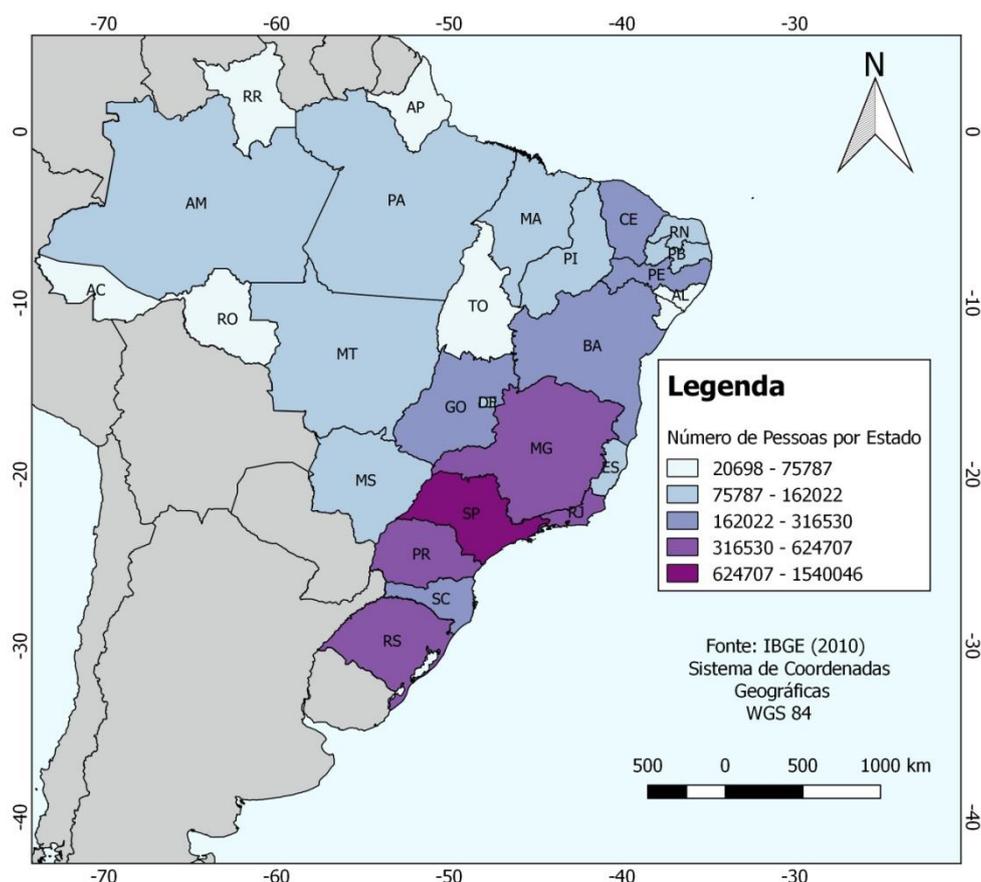


Figura 5 – Mapa de Escolaridade do Nível Superior de Graduação 2010

É possível traçar comparações entre as Figuras 4 e 5 que refletem uma maior escolaridade no Sudeste do Brasil, com destaque para São Paulo com os maiores índices tanto no Ensino Médio quanto na Graduação. Embora a região Norte seja a menos privilegiada nos dois aspectos, ela não possui quantitativos de suicídio que ultrapassem a classificação média. O Centro-Oeste se mantém estável. O Sul, embora esteja ajustado na escolaridade do Ensino Médio com a média do país, se evidencia no que se refere à graduação. E, por fim, o Nordeste demonstra uma queda de classificação do Ensino Médio para a Graduação, revelando mais de suas questões socioeconômicas.

Por fim, mais uma interessante constatação é a que a quantidade de suicídios de pessoas com 9 anos de escolaridade (Figura 6), que corresponde ao ensino médio, cai significativamente. Embora ainda haja uma concentração no Sudeste, é possível que as motivações se pautem mais no modo de vida metropolitano que na escolaridade.

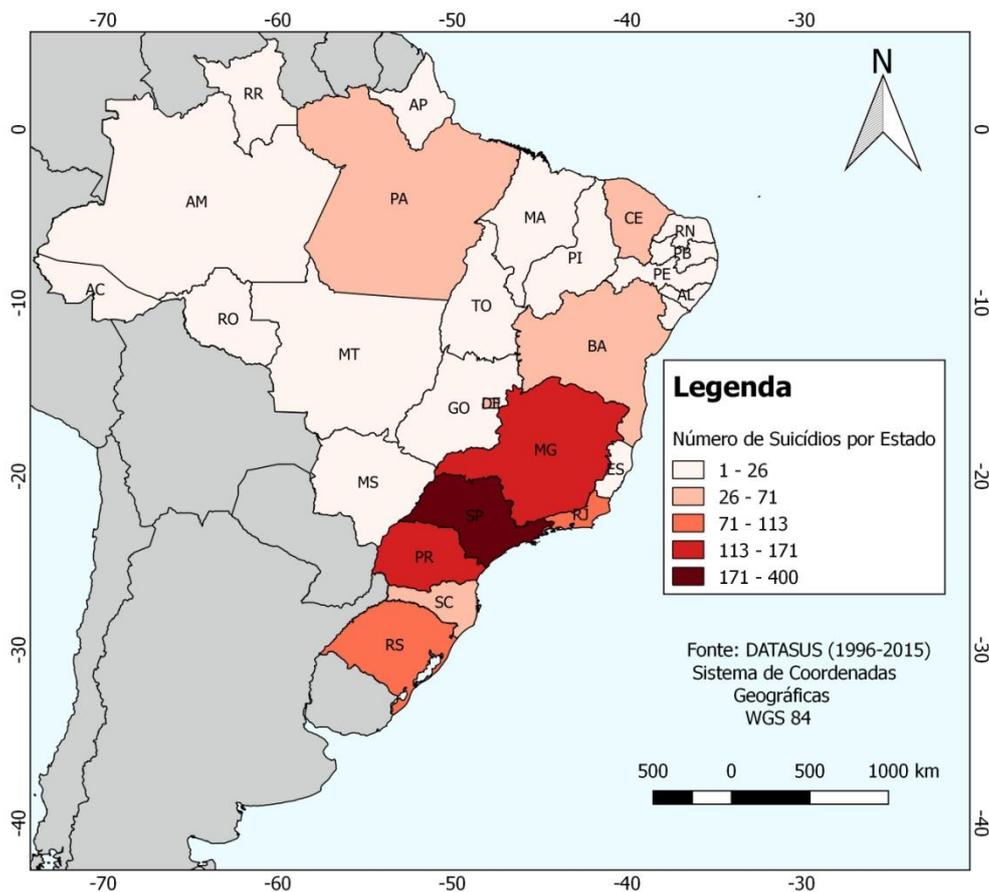


Figura 6 – Quantidade de Suicídios de Pessoas com 9 a 11 anos de Escolaridade de 1996 a 2015

Levanta-se assim o ensino médio como uma escolaridade que não acarreta tantos problemas para seus estudantes quanto o ensino superior. É interessante trazer à tona a possível falta de preparo dos profissionais da academia no auxílio do desenvolvimento de seus estudantes levando em consideração que estes têm também uma vida pessoal preenchida de questões de saúde física, mental e emocional.

CONCLUSÕES

Atingiu-se o objetivo na medida em que houve uma quebra de expectativas em geral, pois que normalmente se espera que haja um aumento de esperança de vida conforme a pessoa adquire conhecimento. Como demonstrado, não é o que

realmente acontece, já que quanto mais conhecimento é adquirido, mais se compreende que a resolução de problemas raramente é simples, criando descrenças recorrentes no que se refere à superação de barreiras cotidianas.

No entanto, encontrou-se também uma grande taxa de suicídio para pessoas com escolaridade baixa. Acredita-se, porém, que isso ocorra não pelo fator da escolaridade, mas sim por questões socioeconômicas. Seriam então fatores desenvolvidos pelas dificuldades devido à baixa renda e à desigualdade social, que suprimem a esperança de novas perspectivas de vida para o sujeito, motivando-o a cometer tal ato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

DURKHEIM, Émile. O Suicídio. Martins Fontes. São Paulo - SP. 2000.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil e ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Pág. 21-56. MEC; Unesco. Brasília-DF. 2007.

SOUSA, Daniel Cunha Monteiro de. A Experiência Subjetiva da Ideação Suicida em Estudantes Universitários numa Perspectiva Fenomenológico-Existencial. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa-PT. 2000.

DATASUS: Estatísticas Vitais : Mortalidade - 1996 a 2016, pela CID-10 por Óbitos por Causas Externas com Abrangência no Brasil por Região e Unidades da Federação. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sim/cnv/ext10uf.def>. Acesso em: 05/12/2017.

Diário do Nordeste: “Classe Média do Ceará representa 35,28%”. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/classe-media-do-ceara-representa-35-28-1.508080>. Acesso em: 05/12/2017.

SIDRA: Amostra Educação e Deslocamento. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/amostra-educacao-e-deslocamento>. Acesso em: 05/12/2017.